



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

GUERRILHA DO ARAGUAIA: MEMÓRIAS SUBTERRÂNEAS E REVISIONISMO HISTÓRICO

José Alves Dias
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: jose.dias@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

A Guerrilha do Araguaia foi um movimento de luta armada ocorrido entre o Sul do Pará, Norte de Goiás e Sul do Maranhão, nos últimos anos de 1960 e início da década de 1970, contra a ditadura militar que se instaurou no Brasil após o golpe de Estado que depôs o presidente eleito João Goulart.

A Aliança Libertadora Nacional (ALN), dirigida por Carlos Marighella, e a Vanguarda Armada Revolucionária (VAR – Palmares), sob o comando de Carlos Lamarca, empreenderam esforços para se instalarem na região, todavia, a organização guerrilheira se efetivou com o Partido Comunista do Brasil (PC do B) que, seguindo a experiência liderada por Mao Tsé-Tung, na China, pretendia mobilizar os camponeses amazônicos para combater a autocracia burguesa gestada pelos militares e, posteriormente, deflagrar a revolução socialista nos centros urbanos.

Cerca de 80 militantes de esquerda se infiltraram entre os moradores locais atuando como agricultores, comerciantes e professores, entre outros ofícios, e formaram três bases de apoio que serviram tanto para o treinamento armífero quanto para o recuo em caso de ataque das forças repressivas do Estado.

A recepção aos “paulistas” foi imediata e calorosa tendo em vista a escassez de recursos e infraestrutura, como também, a simpatia e o carisma dos homens e das mulheres que migraram de várias regiões do país para atuarem como pioneiros na instauração da Guerra Popular Prolongada que havia sido bem sucedida no Oriente.

Todavia, não tardou a descoberta dos planos guerrilheiros e a repressão violenta dos militares deflagrada entre 1970, com a Operação Carajás, e 1975, com a Operação Limpeza. Durante esse período outras cinco intervenções foram realizadas provocando o extermínio de aproximadamente 70 pessoas que foram assassinadas ou estão desaparecidas.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

METODOLOGIA

A censura de informações, a ocultação dos documentos oficiais e a difusão de versões manipuladas dos fatos ocorridos naquele período são sinais evidentes das tentativas de silenciamento ideológico. Travou-se, desde então, uma disputa de memórias cujo desfecho ainda é bastante incerto.

As versões oficiais sobre a Guerrilha do Araguaia macularam tanto a iniciativa guerrilheira quanto os seus militantes. Por iniciativa do PC do B e demais organizações de esquerda contrárias a ditadura forjou-se uma memória coletiva sobre os mesmos eventos com finalidade de contrapor os relatos dos militares. Durante várias décadas as memórias subterrâneas extraídas dos sobreviventes foram predominantes, todavia, um revisionismo histórico, na atualidade, pretende recuperar as primeiras versões e ocultar parcialmente os fatos ocorridos naquele período.

Os sujeitos históricos que experimentaram eventos traumáticos envolvendo assassinatos e torturas perpetradas por agentes do Estado, via de regra, tentam esquecerlos como uma forma de preservação da saúde mental. Apesar disso, é possível admitir que:

[...] um número enorme de lembranças reapareça porque outros nos fazem recordá-las; também há de se convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo. (HALBWACHS, 2003, p. 41)

Tal definição demonstra que podem emergir sementes de rememoração como pontos comuns de lembranças pretéritas que se ancoram no grupo social. Desse modo, o peso das perturbações ocasionadas pelas experiências emocionais desagradáveis se relativiza diante do apoio de outros partícipes. Daí irrompem as “memórias subterrâneas” que se opõem e “acentuam o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional” (POLLAK, 1989, p. 4).

Trata-se, portanto, de um ambiente político no qual ocorrem as disputas entre os grupos hegemônicos dominantes que produzem uma memória oficial e as minorias



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

marginalizadas que evocam os traumas do passado. No confronto entre a revelação dos fatos vividos pelos grupos dominados e a mistificação da História artificialmente produzida pela classe no poder engendra-se um silenciamento ideológico imposto pela desqualificação dos testemunhos daqueles que foram atingidos pela violência do Estado.

A formação do conceito tem por base a incessante preocupação da classe dominante em demonstrar uma pretensa legitimidade da crueldade praticada contra seus opositores, a reação destes confrontando as versões oficiais por meio das suas narrativas e, finalmente, a tentativa de calar desacreditar os sobreviventes ou testemunhas impondo-lhes a censura, a violência física e psicológica e o opróbio social.

Partindo do pressuposto que ideologia é a tentativa de alterar a percepção da realidade podemos afirmar que a ocultação dos fatos é uma forma de determinar a natureza das memórias sobre a Guerrilha do Araguaia e manipular as representações do passado, tendo em vista que:

Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem ideias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas ideias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia (CHAUÍ, 2001, p. 8).

O silenciamento das memórias constitui-se, portanto, num mecanismo ideológico próprio das classes dominantes que encontram no manejo das lembranças sobre os fatos históricos a possibilidade de perpetuação do poder. Quando impedem a difusão das memórias dos grupos sociais subalternos, seja pela manipulação das informações ou deixando lacunas que propiciem o apagamento das reminiscências, prevalece a versão oficial que se torna hegemônica e, portanto, difundida como manifestação da verdade.

A disseminação do medo entre os camponeses, indígenas e populações ribeirinhas, a ocultação dos cadáveres dos guerrilheiros, a destruição de documentos oficiais, bem como, a caracterização dos militantes como inimigos internos da nação, foram instrumentos de silenciamento das memórias submersas do massacre ocorrido na região amazônica do Brasil entre 1968 e 1972.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As memórias sobre a Guerrilha do Araguaia foram sendo formuladas ainda durante os acontecimentos. O diário de Mauricio Grabois foi o registro de aproximadamente dois anos da atuação dos militantes do PC do B no Bico do Papagaio. Após a execução do dirigente comunista, em 1973, o documento foi escondido durante trinta e sete anos quando, finalmente, foi descoberto pela revista Carta Capital e publicado em abril de 2011.

O interesse dos comandantes das operações militares nos registros diários de um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil (PC do B) tinha razões estratégicas, pois, ali estavam detalhes do planejamento e execução da Guerra Popular empreendida naquele momento. Exatamente por ser um importante mapeamento das ações e das pessoas nelas envolvidas o diário foi transcrito em datilografia para identificação posterior de colaboradores da empreitada comunista. Concomitantemente à preservação da memória para fins de atos repressivos ela foi silenciada para que não se destacassem os avanços obtidos na interação com os camponeses que se identificavam com o despojamento daqueles indivíduos de linguagem e hábitos distintos e, também, compartilhavam das suas ideias sobre autonomia e liberdade popular.

O relatório do operário Ângelo Arroyo, outro dirigente do mesmo partido e um dos poucos que escapou com vida da região sitiada pelos militares, foi entregue ao comitê central do PC do B, em 1974. O militante, assassinado em 1976 numa emboscada conhecida como Chacina da Lapa, descreveu euforicamente o êxito da missão entre a população do Sul do Pará. Uma grande polêmica se estabeleceu sobre a memória do metalúrgico que sobreviveu ao massacre das operações militares que, ao final, não tinham mais o objetivo de prender os guerrilheiros e sim eliminá-los definitivamente. Uma versão revisionista foi publicada por Hugo Studart (2006) em uma obra baseada no testemunho de militares que comandaram as operações no Araguaia. O jornalista em questão fez uma pesquisa de mestrado em História pela Universidade de Brasília (UnB) e obteve relatos e documentos secretos dos militares que revelam a crueldade de uma repressão que não deixou prisioneiros, bombardeou aldeias indígenas e oprimiu pequenos agricultores.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

A pretensa imparcialidade da pesquisa científica se desconstrói em vários momentos quando, em nome da verdade, aparecem narrativas carregadas da visão dominante do Estado autoritário e o discurso da inevitabilidade do confronto perpetrado por agentes que cumpriam ordens superiores.

CONCLUSÕES

Diante da imposição do silêncio das memórias subterrâneas transparecem, cada vez mais, as descrições pitorescas e os relatos eivados de lacunas que comprometem a revelação por completo de todos os eventos ligados à Guerrilha do Araguaia. O revisionismo histórico tem sido uma ação eficaz para mistificar as memórias daquele período e construir um passado sem culpa ou punição. No presente têm sido selecionadas as lembranças do período ditatorial que enaltecem todas as formas de transgressão aos direitos humanos e retoma a cruzada anticomunista. Não obstante, resistam as vozes dos porões e das valas que não se conformam com determinações do modelo político dominante.

PALAVRAS-CHAVE: Estado; Ditadura; Memória; Guerrilha.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989,

STUDART, Hugo. **A Lei da Selva: estratégias, imaginário e discurso dos militares sobre a Guerrilha do Araguaia.** São Paulo: Geração Editorial, 2006.